

## Meu filho, você ainda vai ser doutor

Francisco Neto Pereira Pinto<sup>1</sup>

Tomou o último gole, pagou a conta e partiu, sem mais palavras ou explicações.

Uma dose de cachaça pode ter significados vários, mas por estas regiões nortistas é quase certa uma mágoa a esquecer, uma nostalgia a disfarçar ou ainda uma crise de nervos a acalmar. No caso de Pedro, era isso mesmo, um desgosto nodoso que tomava toda a extensão do estômago e reverberava efeito e gosto acres na boca. O elixir, na mucosa, ferve, na garganta, já é vulcão; no coração, contudo, queima, limpa, purifica, faz-se esquecer que é homem.

Para Pedro, de apenas quinze anos, muitas garrafas são necessárias, pois a negrura já chegou à alma. A primeira mancha grudenta lhe foi incrustada pela mão do pai em seu rosto rosado naquele dia em que tomou consciência de si como um pedaço de gente no mundo, depois os pontapés para agir em tempo, os chutes para subir mais rápido as ladeiras por estradas poeirentas do Pará, os beliscões para acordar mais cedo e ir tocar, às 4h da madrugada, as poucas vacas leiteiras ao curral, pois a tirada de leite tem de ser cedo, senão perde-se a venda e, prejuízos, alguém precisa arcá-los.

Um dia esse galego de olhos grandes – o avô materno é do sul – se esqueceu de levar as vacas ao curral à tardezinha, pois era muito o enfado, havia trabalhado a manhã inteira na capina do arroz e, naquele dia, o sol lhe pareceu mais quente, ou talvez se tratasse dos sinais de uma gripe que se insinuava. Adormecera, por descuido, em profundo sono, e nem mesmo o torpor do pai o fizera despertar para o compromisso tão sagrado que, religiosamente, era cumprido todos os dias – separar as vacas de seus filhotes para que o leite se acumulasse durante a noite -. Deveria saber, porém, que, na casa de seu pai, nenhum esquecimento jamais é perdoado.

À despedida da tarde foi duramente castigado – com uma corda de *nylon* à mão e um pé em seu pescoço o velho novamente o fez adormecer, com as costas sagrando estirado no piso de terra batida da área que dava para o fundo do quintal -. A mãe também sangrava, no

---

<sup>1</sup> Professor convidado na Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína. E-mail: fneto@uft.edu.br.

coração, ao ouvir os brados do marido: quer dormir, é? Trabalhar não quer não, né? Te mostro direitinho como é que se curte preguiça. Do filho não ouvia nada, que mal conseguia respirar e lutava à cata de um fio de ar com que encher os pulmões e garantir o coração. Um pé no pescoço, porém, são toneladas de humilhação. Deixou, assim, escorrer uma míngua de lágrima que, escorrendo, atravessou a porta, varou a cozinha e foi buscar a mãe lá no quarto, pálida em um canto.

Ao contemplar o corpo mole e arquejante Dona Maria deixou escapar um esguicho de grito, que foi abafado pelas mãos. Ouvisse-o o velho poderia ficar ofendido e voltar-se contra ela. Conteve-se, então, muito custosamente, cuidando em afagar o filho semimorto. Providenciou sumo de mastruz, o suficiente para as costas e para garrafada de semanas. Fez sopinha de macarrão com galinha caipira, comidinha que fez o seu loirinho - era assim que o chamava -, se sentir querido. Durante a refeição, ele a confidenciou um pensamento profundo, tal como seus demais três irmãos já haviam feito cogitou ir embora e apagar o rastro, para sempre nunca mais. Se não o fizera ainda, fez questão de deixar claro, é porque a amava demais e não tinha coragem de abandoná-la às mãos de seu algoz a quem se recusava a chamar de pai.

Dali a três meses, Dona Maria caiu de malária *falciparum* e, anêmica como era, não resistiu. Por muito tempo já padecia de intensas hemorragias causadas por um *leiomioma* e, bem que sempre pedia ao marido que a levasse ao médico, sob alegação das dores, do mal-estar, da dificuldade com a higiene. Como cumprir com as obrigações de esposa e deveres de dona de casa? Assim não podia, era um fardo muito pesado. Que deixasse de besteira, que isso era coisa de mulher mesmo e, depois, nunca se viu nenhuma morrer por causas tais. Além disso, médico é ladrão, quer ganhar o do mês inteiro em uma única consulta, muito caro! Que o deixasse em paz e não falasse mais nisso. Anêmica, pois, como resistir à fúria da malária?

Pedro naqueles dias de agonia fez, em silêncio, no escuro do quarto, muitas súplicas. Acreditava que o Jesus do natal era bom, que se interessava pelas famílias, que se interessasse então por sua mãe, tão honesta, tão boa. Não havia ele curado a mulher com fluxo de sangue lá em seus dias? Poderia, então, se quisesse, fazer sua mãe sadia. Pediu muito, até mesmo de joelho com mãos postas. Fechava os olhos e, às vezes, de tanto acreditar, chorava. Em vão os rogos e, por fim, a decepção. Se esse é o Deus que se tem, não me serve. Não acredito. Queria

um Deus bom, de amor e cuidado. Disseram-lhe, em consolo, que sua mãezinha agora descansava com o Senhor, que havia sido levada pelos anjos para nunca mais, pela eternidade, sofrer. Esse Deus é mau, recusava-o, portanto, e isso repetia a quem assim lhe consolasse. Perdeu a fé e, desolado, enclausurou-se.

De então por diante, paz somente com Dorinha, que por ele se derretia. Quando completou os 12, seu pai decidiu que era hora de se tornar homem e, em tom áspero, o intimou a comparecer à noite no bar da Dona Joana. Esse é o cabra, disse, acenando a cabeça. Dorinha o gostou logo de início, porque o achou lindinho, como passou a chamá-lo, e, desde então, dispensava-lhe toda a atenção, sem cobrar nada, à maneira de Galimene. Por outro lado, como sempre esteve aos cuidados da mãe, o rapaz cultivava admiração pela figura feminina e dispensava, a qualquer que fosse, tratamento carinhoso, o que fazia criar raízes no coração de Dorinha um desejo crescente de tê-lo exclusivamente para si. Quando o viu chegar aos 13, raciocinava demoradamente, seu lindinho já era quase homem feito, e com aquela musculatura farta e firme, bem que poderia passar por mais. Buscava, assim, maneiras de agradá-lo e de fazê-lo cada vez mais passar tempo consigo.

Não ficaria ele, no entanto, naquele povoado por mais um dia, estava de todo resolvido a partir. Queria ir para Palmas, no Tocantins, estudar e ser doutor. Meu loirinho um dia ainda vai ser doutor, é muito inteligente e só tira notas boas; é o orgulho dos professores. E o meu também! Repetiu a mãe até o último suspiro, palavras agora bem guardadas no coração do órfão sonhador.

O sonho foi, então, a herança que lhe restou.

Os poucos pertences em uma mochila, tomou o último gole de cachaça no bar da Dona Joana, embarcou no ônibus e partiu. Da janela viu Dorinha, que lhe acenando se despediu.

Dorinha, Dorinha

Porque me olhas tão triste assim?

Pois não sabes que o melhor de mim foi contigo que vivi?